

A PRODUÇÃO DA RESISTÊNCIA PELA MEMÓRIA: O FURO NO IMAGINÁRIO

THE PRODUCTION OF RESISTANCE BY MEMORY: THE HOLE IN THE IMAGINARY

Teodulino Mangueira ROSENDO¹

Resumo: pretende-se compreender como, na produção simbólica de fotografias do Projeto Seca, Xote e Baião, desenvolvido com alunos do ensino médio, na Paraíba, se entrecruza como furo, pela direção da memória, a questão da imagem na relação com o imaginário, termo discutido por Vanier (2005) como um dos registros da experiência psíquica. Direcionamos nossa análise para o exame da memória como lugar de identificação, de evidências estabilizadas que podem (devem) ser resignificadas, deslocadas, por meio das modificações simbólicas, despontando como campo de resistência não voluntarista, dada à constituição do sujeito pela par ideologia e inconsciente. Pela condição das novas formulações possíveis, a regularização dos discursos estabilizados pode ser alterada, modificada, de acordo com Pêcheux (2015) pode ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo que vem perturbar a memória. Destarte é sob essa condição que a movimentação dos sentidos nas fotografias em estudo se processa materializando a ideologia, na relação do dito e do não dito.

Palavras-chave: memória discursiva; imaginário; resistência.

¹ Doutorando em Ciências da Linguagem na Universidade do Sul de Santa Catarina (2016); Mestre em Métodos e Gestão da Avaliação Educacional – UFSC (2015); Membro do Grupo de Pesquisa Linguagem e Psicanálise (2016); Bolsista AGETEC-UNISUL (2018). E-mail: teomangueira@hotmail.com.

Abstract: it is intended to understand how in the symbolic production of photographs of the Projeto Seca, Xote and Baião, developed with high school students, in Paraíba, the image question is intertwined as a hole, through the direction of memory, in the relation with the Imaginary, a term discussed by Vanier (2005) as one of the records of psychic experience. We direct our analysis to the examination of memory as a place of identification, of stabilized evidences that can (must) be resignified, displaced, through symbolic modifications, emerging as a field of non-voluntarist resistance given to the constitution of the subject by the ideology and unconscious pair. By the condition of new formulations possible the regularization of stabilized discourses can be altered, modified, according to Pêcheux (2015) may collapse under the weight of the new discursive event that comes to disturb memory. Thus it is under this condition that the movement of the senses in the photographs under study materializes the ideology, in the relation of said and not said.

Keywords: discursive memory; imaginary; resistance.

Introdução

Neste estudo, trazemos duas materialidades fotográficas do Projeto Seca, Xote e Baião², desenvolvido com alunos do Ensino Médio, em uma escola estadual, no sertão paraibano, tendo como motivação a seca, temática sempre atual naquele contexto, buscando, pela memória, indagar as formas de convivência com essa situação cíclica e social difícil. Assim, pela leitura do clássico *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e pelas experiências locais, se objetivou ampliar esse debate apreendendo sua historicidade, as práticas e relações de mando e obediência que as permeiam.

Nessa ação pedagógica, também relacionávamos a “identidade cultural³” sertaneja com o que foi dito e cantado por Luiz Gonzaga em sua musicalidade. Dessa alusão, os termos “Xote e Baião” são inseridos no título como forma de prestar uma homenagem a esse poeta nordestino, funcionando como o ritmo que embalou as atividades dessa proposta.

2 O referido projeto, de nossa autoria, foi trabalhado na Escola E.E.F.M. Bernardino José Batista- Triunfo/PB, e recebeu do Governo do Estado da Paraíba o prêmio Mestres da Educação.

3 Entendemos essa questão a partir de Hall (2016), pensando a identidade na diferença.



No Projeto Seca, Xote e Baião se tem o viés discursivo operando na materialização do linguístico, do social, do histórico e do ideológico, sendo fundamental pontuar que essa produção se inscreve no discurso pedagógico, dentro da escola. Sublinhamos que o discurso pedagógico tende a ser autoritário; segundo Orlandi (2003), ele circula de forma preestabelecida, enrijecido, produzindo dizeres institucionais validados pelas próprias instituições, como, por exemplo, a escola. E, nesse espaço, o poder e o controle se manifestam amplamente, disfarçados pelo discurso da neutralidade, mas reforçando sentidos que sustentam a dominação e a exclusão na ordem social:

[o] controle é, assim, uma intensificação e uma generalização da disciplina, em que as fronteiras das instituições foram ultrapassadas, tornadas permeáveis, de forma que não há mais distinção entre fora e dentro. Deve-se-ia reconhecer que os aparelhos ideológicos de Estado também operam na sociedade de controle e talvez com mais intensidade e flexibilidade do que Althusser jamais imaginou (HARDT, 2000: 369-70).

Dessa forma, a escola, com sua base nada democrática, se apresenta como lugar de controle, mas, também, de vaga-lumes — professores e alunos — que lampejam desejos de mudanças e aspiram à criação de escolas de vaga-lumes. Nesses espaços, o saber giraria em torno do pensar, do refletir, do questionar, do indignar-se e do construir, e não apenas em reproduzir, mecanicamente, os sentidos cristalizados, repetindo a história dos vencedores sobre os vencidos, afinal, como em Benjamim (1994), é preciso [...] “[e]scovar a história a contrapelo, ou seja, opor à tradição dos oprimidos a versão oficial da história, lutar contra a corrente, contra tudo o que pode ser considerado natural”.

Nesse contexto, é importante destacar que, no Projeto, trabalhou-se pelo viés da luta contra um imaginário linguístico-social-político-ideológico que marginaliza o “vidente da seca”, reduplicando um discurso de poder, com palavras de ordem que reforçam os estereótipos. Na direção do enfrentamento, Deleuze e Guattari (2011), discutindo sobre a ideologia, ampliam o debate com a formulação da noção de devir-menor, uma forma ‘menor’ de atuar dentro de uma forma maior, na possibilidade de abertura ao acontecimento e a outros sentidos. Mas “[...] como escapar à sentença de morte que ela [palavra de ordem] envolve, como desenvolver a potência de fuga, como manter ou destacar a potencialidade revolucionária de uma palavra de ordem?” (DELEUZE; GUATTARI, 2011: 61). A propositura do Projeto sugeria posição política, gesto de questionamento, condições de, por meio do devir menor, arquitetar espaços de “potência”, para agir por meio de um posicionamento crítico e subversivo, de ir contra a lógica hegemônica, de assumir o ser sertanejo com vigor/altivez/coragem, com resistência. Retomamos Deleuze (2011: 220) [...]: “não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas”. Certamente, essas



novas armas podem se materializar nas atividades que promovem o pensamento, que instigam a construção de ideias próprias, que desnaturalizam o estabilizado.

O imaginário, a imago e a produção de sentidos — olhar analítico

Para examinarmos, discursivamente, o processo de produção das materialidades fotográficas, consideraremos a relação tensa entre descrição/interpretação, considerando o contexto histórico-ideológico mais amplo que explicita o nível da constituição dos discursos, igualmente as condições de produção e circunstâncias de enunciação que elucidam o nível da formulação. Nesse aspecto, Orlandi (2012) considera que [...] “toda descrição está exposta ao equívoco da língua” [...] (ORLANDI, 2012: 23), complementando que o sujeito é constituído por gestos de interpretação que concernem sua posição, e o trabalho do analista nessa relação “não é descrever nem interpretar mas compreender [...] compreender como o texto produz sentidos” (ORLANDI, 2012: 27).

Como no exposto, o dispositivo teórico-analítico da análise de discurso concebe a linguagem (o discurso) “como estrutura e acontecimento” (PÊCHEUX, 2015: 16). Esses são elementos estruturantes “que tocam a ordem, a regra, mas também o acaso, o equívoco, a forma histórica da significação na compreensão de cada gesto de interpretação” (ORLANDI, 2012: 29), nesses termos, não se almeja ancorar os sentidos dessa análise em um patamar de verdade e de univocidade.

Dado o que se anterioriza, dizemos que as condições de produção dessas materialidades, pelo trabalho com o simbólico, revestem o sujeito, dentro da prática discursiva, da possibilidade de formular a partir do discurso literário da obra *Vidas Secas* (mas não só dele), ampliando o “confronto com a linguagem e através dela o confronto com o mundo”, conforme Orlandi (2003). Por esse viés, a historicidade da produção desse discurso clarifica a indissolúvel relação entre língua, história e sujeito, e, na intersecção das três noções, a resistência pode se marcar de forma explícita ou camuflada, vestida pelo simbólico, em processos de ressignificação e pela memória a que estão associados os sujeitos, a tríade traz para a análise o equívoco, a contradição como quadro de possíveis falhas no ritual da interpelação.

Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, apresenta ao leitor personagens que denunciam a exclusão social, o silenciamento e contextualizam um típico cenário nordestino de 1938 castigado pela seca, levando contingentes migratórios a buscarem lugares em

que pudessem assegurar sobrevivência. Com as devidas mudanças e alterações próprias de cada temp; e na relação com a memória contemporânea de viver no sertão hoje (2018), ainda torturado pela seca, essas memórias se encontram, se atualizam e suscitam a construção e a produção de sentidos por parte dos sujeitos alunos, ancorados nessa historicidade que os atravessa, como na Figura 1, abaixo apresentada.

Figura 1: ensaio fotográfico do Projeto Seca, Xote e Baião



Fonte: Oliveira (2012)

Na experiência da leitura, no debate aprofundado e na atualização da obra de Ramos em sala de aula, esses sujeitos alunos apreenderam a realidade difícil do convívio com a seca e suas mazelas *ad aeternum*. Então, no jogo das semelhanças e diferenças das intempéries climáticas de ontem e do presente, há a *reconstrução de uma imagem do sertão nordestino*, imagem do ser sertanejo que se marca no processo de textualização dessas materialidades.

Figura 2: ensaio fotográfico do Projeto Seca, Xote e Baião



Fonte: Oliveira (2012)

Compreende-se que, de fato, em toda a produção simbólica desse projeto, se entrecruzam, como furo, pela direção da memória, a questão da imagem na relação

com o imaginário, termo discutido por Vanier (2005) como um dos registros da experiência psíquica, não se resumindo à imaginação, mas agindo na perspectiva de fazer acomodações, tranquilizar, tentar envolver o real (outro registro psíquico), que se apresenta como caótico, não se deixando capturar por nenhum símbolo, por nenhuma nomeação; imaginário, real e simbólico interligados, formando o que Vanier (2005) designou por ‘nó borromeo’.

Nesses termos, Vanier (2005) mostra o imaginário como um mecanismo de constituição do EU cuja função é, por meio do “estádio do espelho”, localizar esse EU, provocando uma identificação, [...] “a saber, a transformação produzida no sujeito, quando assume uma imagem”[...] (VANIER, 2005: 37) – a isso, o autor chama de imago. De fato, a vivência no solo sertanejo e a bagagem deixada por *Vidas Secas* são apropriações que engendraram relações especulares, seja na textualização da imagem fotográfica, seja nas poesias, desencadeando uma correlação *a priori* de identificação, esclarecendo, com Vanier (2005), que [...] “[a] mesma identificação que funda o EU também o determina como um outro”. (VANIER, 2005: 38).

Dessa forma, mesmo na relação com o espelho, em que há uma aproximação, uma primeira identificação, paradoxalmente, há estranhamento, uma vez que não há uma relação linear de igualdade entre o EU e o outro especular, e, sim, relação de semelhança, essa imago é criada pelo imaginário, um registro da ilusão, portanto, alienador; imagem que se marca pela ‘presença-ausente’ do sujeito. A psicanálise e a análise de discurso, em suas aproximações, não trabalham com a noção de identidade, justamente por ser fechada, acabada, mas ambas exploram a ideia de identificação, que denota instabilidade, construção, processo temporário capaz de ser rompido, atingindo outros níveis, como o da contra-identificação e da desidentificação, nos termos já abordados nesta discussão.

Através desse conhecimento psicanalítico, podemos, associados à memória discursiva, zona de confronto entre as redes de memória, averiguar o jogo de forças antagônicas que buscam, por um lado, restabelecer, estabilizar os “implícitos”, o estável. Ou seja, a imagem discursiva totalizadora que se tem da seca, como uma representação histórico-social-linguística, também reforçada por *Vidas Secas*, e do nordeste brasileiro como espaço estereotipado de dominação político-ideológica, de pobreza extrema, de condições econômicas miseráveis, constituído por famílias que asseguram sua supervivência migrando para os grandes centros, onde, eventualmente, conseguem educação, saúde ou, quando do contrário, caem na marginalidade, na delinquência e vivem à borda das cidades, causando transtornos aos governos e aos cidadãos. Por outro lado, a memória que busca desregular, desestabilizar esses já ditos, esses pré-construídos e instaurar o acontecimento discursivo, em que [...] “sob o mesmo da materialidade da palavra abre-se então o jogo da me-



táfora, como outra possibilidade de articulação discursiva [...] a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrases” (PÊCHEUX, 2010: 53).

A reflexão teórico-prática se direciona para o exame da memória como lugar de identificação, de certas evidências estabilizadas que podem (devem) ser re-significadas, deslocadas por meio das modificações simbólicas e despontar como campo de resistência, já que, como vimos, a resistência não é voluntarista, *espontaneísta*, dada a constituição do sujeito pela par ideologia e inconsciente. Por essa via, a memória contemporânea de um Nordeste de avanços em relação à pobreza extrema, de melhoria na oferta da educação, habitação e saúde, visibilizados pelas políticas públicas sociais dos últimos governos, com dados que revelam avanços em relação ao passado e, ainda, o envolvimento da tecnologia e do acesso à informação que abraçam grande parcela da população, entram no embate com a memória dos remotos tempos históricos reafirmados por *Vidas Secas*, em que o Nordeste se marca de forma pré-concebida, categorizado como lugar apenas de ignorância, fome, miséria e vulnerabilidade.

A memória social, que materializa, no conjunto da obra *Vidas Secas*, o Nordeste da degradação, da escassez, determinado historicamente, é, também, reproduzida em outras artes plásticas, literárias, musicais e largamente no discurso midiático e no imaginário nacional. Assim, as redes de memória, acionadas de diferentes lugares de memória, oportunizam a retomada dos “já-ditos”, funcionando na textualização das materialidades do projeto como pré-construídos, e, pelo encontro com uma atualidade, estão sempre sujeitos a derivas, a desregulações, leituras outras que não reforçam as oficiais.

Esses aspectos entrepostos no processo de textualização das imagens, na relação de entremeios transportam, para a prática discursiva, a historicidade dos sujeitos alunos e reclamam, gritam por discursos transgressores. Dessa forma, o gesto analítico de compreender as fotografias construídas a partir da identificação com as cenas do livro de Graciliano Ramos exige ancoragem na tríade fundadora da análise de discurso, nos afastando da plasticidade das imagens, do automatismo do olhar e da evidência do visível, para podermos alcançar os sinais de ruptura simbólica, afinal, acreditamos que a falta se revela para além da aparência, “[j]amais me olhas de onde te vejo” (LACAN, 2008: 104).

Tais gestos são vestígios do equívoco, desabrochados como efeitos produzidos no discurso imagético e estampados nas roupas reluzentes, bem passadas, bem acabadas, de tons claros e perfeitamente sobrepostos, nas sandálias novas que protegem os seus pés, nos cabelos bem cuidados da Sinhá Vitória, no riso fácil que estampa a face do Fabiano e da Sinhá (Figura 1), na bolsa (bornó) higienizada do



Fabiano, no verde alvissareiro das árvores (como nas Figuras 1 e 2), no pano branco límpido que lhes serve de mala, na posição ereta dos corpos que não parecem tão submissos, de ombros curvados, mas com “nó na garganta”, dentre outros.

É claramente notável que os sujeitos alunos de 2012 não conseguem, de forma plena, encontrar os personagens de 1938. Assim, nas imagens, há, discursivamente, deslizos em relação à textualização das passagens da obra, e, somada ao que apontamos, há, ainda, a dificuldade de cada aluno em personificar, em se individuar na atualidade como Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais novo, outro mais velho – em vestir as peculiaridades sinalizadoras da ingenuidade que lhes abraçava, da ausência de expressão corporal ou verbal de empoderamento, da esperteza que lhes faltara sendo levados por qualquer argumento, dá má sorte e condição animal de indivíduos que não possuíam sequer nomes próprios, sem ‘identidade social’, sem cidadania, sem escola e sem afeto.

Esses são indícios fortes, concretos da descontinuidade das imagens, em paralelo com a obra literária, aquilo que extrapola o nível da consciência e que só pode aparecer, ser dito e observado na obscuridade do simbólico, **na resistência** ‘ocultada’, mas transgressora por não vestir *ipsis litteris* o discurso da soberania que recai sobre o ser nordestino-sertanejo e que faz visível a luta de classes ideológica entre opressores e oprimidos, rompendo com a superfície acomodadora do imaginário fechada na imago alienante que projeta.

A memória recoberta pela literatura de *Vidas Secas* e pelas vivências nessas terras de longas estiagens são lugares discursivos dos quais, no contexto escolar, aprioristicamente, o sujeito aluno partiu, produzindo os efeitos de paráfrase em que o discurso sobre o nordeste se fez matriz de sentido pautada na repetibilidade reguladora/limitadora da formação discursiva dominante, “determinando o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2014: 147). A imagem reificada de automatismo, fatalismo, passividade social, da vida no extremo limite da humilhação, determinantes da condição do vivente da seca, pode ser lida em um primeiro plano como de identificação, quando nos deparamos com as materialidades fotográficas do projeto, **porém**, observando algumas sequências discursivas (SD), algumas regularidades da obra de Ramos, as pequenas contradições, já apontadas, localizam, nessas materialidades, o espaço simbólico da incompletude, da resistência⁴ e exemplificam nosso argumento de um discurso sobre o nordestino *versus* um nordestino

4 Redizemos: [...] resistência e [...] revolta, formas de aparição fugidias de alguma coisa “de outra ordem”, vitórias ínfimas, que no tempo de um relâmpago, colocam em xeque a ideologia dominante [...] (PÊCHEUX, 1997 [1978]: 301, grifo do autor).



de dentro desse discurso lampejando discrepâncias, numa relação paradoxal entre “o que vejo e o que me olha” (Didi-Hubermam, 1998).

Observemos algumas sequências discursivas (SD) recortadas de *Vidas Secas*:

SD1: [...] Sinhá Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo [...] (RAMOS, 2011: 14).

SD2: “Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais”. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado “confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele”. “E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural” [...] (RAMOS, 2011: 20; grifos nossos).

SD3: Então por que um sem vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá pancadas nele? Sabia que era assim, “acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças” [...] “Apanhar do governo não é desfeita”. (RAMOS, 2011: 33; grifos nossos).

SD4: [...] “viu os meninos entretidos no barreiro, sujos de lama”, fabricando bois de barro, que secavam ao sol [...] “Pensou na cama de vara” (Sinhá Vitória) [...] (RAMOS, 2011: 40; grifos nossos).

Pelas SDs, pode-se dizer que as fotografias em análise não recobrem pontualmente a descrição de Ramos — ou a sua memória discursiva sobre a seca no semiárido —, reverberada, sócio-politicamente, como discurso hegemônico a serviço da dominação e do preconceito estruturante da forma sujeito capitalista. Então, se, em um primeiro nível, sobressaem-se traços do discurso que se repete ao longo da história, materializado nos manuais didáticos e no imaginário coletivo como “o discurso do”, e não como “um discurso sobre”, imobilizando, assim, sentidos, na prática discursiva em sala de aula, esses sentidos foram reformulados em sua uniformidade imaginária e, numa outra leitura, revelam fissuras no “regime de repetibilidade”, regimes responsáveis por sustentar as redes de memória, conforme argumenta Indursky (2011):

[o]s sentidos, à força de se repetirem, podem acabar por se modificar, de modo que as redes discursivas de formulação, formadas a partir de um regime de repetibilidade, vão recebendo novas formulações que, ao mesmo tempo em que vão se reunindo às já existentes, vão atualizando as redes de memória (INDURSKY, 2011: 76).

Dessa forma, pela condição das novas formulações possíveis, a regularização dos discursos estabilizados pode ser alterada, modificada, “ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo que vem perturbar a memória” (PÊCHEUX, 2010: 52). É sob essa condição que a movimentação dos sentidos nas fotografias



do projeto se processa no nível da formulação, passando do discurso verbal do livro *Vidas Secas* para o imagético e materializando a ideologia, na relação do dito e do não dito, funcionando como um texto, base de um discurso constituído de estrutura e acontecimento.

É inegável que,, na produção fotográfica, as sensações táteis e corpóreas, as emoções, as dores e as alegrias do sertão estão significadas, mas, igualmente, nelas reside a contra-identificação, com essa condição de vida exposta, de vida em que não apenas falta água, porque também há escassez de ternura, de afeição, de bons modos – discrepâncias em relação a um discurso prévio, já estabelecido, legitimado, sobre o qual se desenrola a não identificação absoluta, isto é, a impossibilidade da memória passada recobrir o presente. Por isso, a posição sujeito do nordestino na obra *Vidas Secas*, nas condições apresentadas acima, sofre deslocamentos em relação à posição sujeito do aluno nas fotografias, e a plena identificação não acontece. Mesmo lendo, debatendo, “vivendo” *Vidas Secas*, as condições de produção, a conjuntura de vida não são as mesmas da década de 30; essas contradições revelam falhas, lacunas que autorizam uma leitura contra a dominância, mesmo como faíscas de vaga-lumes⁵, nos pequenos detalhes, na forma simbólica, embora o deslocamento parcial dos pré-construídos, na opacidade do não dito, tenha trazido modificações.

Em busca de um fecho

Pêcheux (2015), negando a visível transparência dada pelos atravessamentos dos discursos que formam a imagem, esclarece que ela encontra a análise de discurso por outro viés: “não mais a imagem legível na transparência [...] mas a imagem “opaca e muda”, quer dizer, aquela da qual a memória “perdeu” seu trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições)” (PÊCHEUX, 2015: 49; grifos do autor). Nessa percepção, reforça, ainda, a ilusão subjetiva da transparência da linguagem e da máscara que a ideologia põe sobre “o caráter material dos sentidos”, das palavras e enunciados (PÊCHEUX, 2014: 146; destaque do autor), ou seja, a imagem fotográfica, tomada, neste trabalho, como textualidade de um discurso, se apresenta como espaço de inscrição do sujeito aluno, espaço dito pela língua; imagem que contém nomes [...] motor de discursos, ocasião assim de reatualizar à memória para retomar o que estava dito antes [...]

5 Em outras palavras, Beck (2010: 151, grifo nosso) assevera que, mesmo com o inelutável assujeitamento ideológico, as “cotidianas resistências” ocorrem, ao que exclama – (que bom!).

(PÊCHEUX, 2015: 38), igualmente [...] “espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 2015: 50).

Nessa direção, os sujeitos alunos, na condição de protagonistas do ensaio fotográfico, com base na obra de Ramos, se veem em uma posição sujeito, com a consciência de que estão interpretando um personagem, um papel, um lugar estabilizado pela obra que deveria fornecer, na fotografia revelada, o que os saberes dessa formação discursiva (inscritos na obra) lhes dão a ver, a compreender; como diz Pêcheux (2014), “a formação discursiva é o lugar da constituição dos sentidos” (PÊCHEUX, 2014: 148). Então, a partir da tomada de posição do sujeito, do lugar social e das condições de produção enunciativas que têm relação com o esquecimento número 2, a formação discursiva se revela travestida de evidências e se estilhaça quando o sujeito reage sobre qualquer disfarce ao teatro da consciência, do “sou eu”, revelando os esquecimentos de que é constituída a memória e, pela contradição da história, materializa o furo da ideologia, indo no sentido oposto ao discurso hegemônico dado como único, como o verdadeiro. Nas palavras de Spivak (2010), [...] “no trabalho com a consciência do subalterno, a noção daquilo que o trabalho não pode dizer se torna importante” (SPIVAK, 2010: 65), pois aí, pela ação da ideologia e do inconsciente, o que era para ser pura identidade/identificação, se firma, nas entrelinhas, com certa porção de diferença, se faz dúvida, se dá a captar como questionamento, na revolta (silenciada e velada), no discurso do “mau sujeito”, conforme Pêcheux (1998).

Referências

- BECK, Maurício. — Aurora Mexicana **Processos resistencia-revolta-revolução em lutas populares da América Latina**: o exemplo do discurso zapatista. 2010. 175 f. Tese (Doutorado em Letras) — UFSM, Santa Maria, 2010.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Trad. Paulo Neves. Editora 3A: São Paulo, 1998.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, [1964] 2008.
- OLIVEIRA, Nozicassio Gomes de. **Ensaio Fotográfico Vidas Secas**. 2012. 1 fotografia.

ORLANDI, E. P. **Discurso em Análise- Sujeito, Sentido, Ideologia**. Campinas: Pontes, 2012.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da Memória** / Pierre Achard...[et al] tradução e introdução José Horta Nunes – 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

_____. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**/Tradução: Eni P. Orlandi -7ª Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**/ Michel Pêcheux: Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al.- 5ª ed – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). IN GADET, F. e RAK, T. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução: Bethânia S. Mariane et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998/ 1997.

HALL, Stuart; CERNICCHIARO, Ana Carolina (Trad). **Etnicidade: identidade e diferença**. **Crítica Cultural** – Critic, Palhoça, SC, v. 11, n. 2, p. 317-327, jul./dez. 2016.

HARDT, Michael. **A sociedade mundial de controle**. In: ALLIEZ, E. (Org.).

Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000.

INDURSKY, Freda. **Da interpelação a falda no ritual: A Trajetória teórica da noção de formação discursiva**. In: Análise do discurso: Apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Roberto Leiser Baronas (org.). São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Posfácio de Hemenegildo Bastos – 115ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2011.

SPIVAK, Gayatri.C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

VANIER, Alain. **LACAN** / Alain Vanier; tradução Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.